

### 3

## A BALADA DA MENINA MORTA

*Quando ela acabou, foi colocada na terra  
Flores nascem, borboletas esvoejam por cima  
Ela, leve, não fez pressão sobre a terra  
Quanta dor foi preciso para que ficasse tão leve!*

*Bertold Brecht*

Um homem está atravessando uma cidade européia em um trem. Talvez pense no efêmero e em um arbusto que só floresce uma vez por ano durante apenas uma noite, ou talvez tenha pensado tudo isso muito depois, ou talvez não estivesse pensando em nada e apenas olhasse distraído o trilho correr. Sua estação se aproxima, imagino que faz frio, imagino esse trem chegando à Praga, mas não, creio ser Viena o destino daquele homem. Recolhe seus pertences se demorando um pouco até vestir o sobretudo preto de lã. Seus movimentos são lentos, pensa estar sendo visto por todos em seus movimentos lentos, acredita ser atrapalhado em sua lentidão. Mas a mim, dentro de onde imagino esse trem, seus movimentos são doces e por isso se demoram no ar. O homem se dirige à saída pelo corredor estreito do trem e vê um velho diante da porta entre os vagões. Tudo assim, de relance, de rabo de olho. O velho não o encarava, era apenas um susto. Ao se aproximar da porta de vidro reflexo, o homem vê a si mesmo diante dele. O rosto enrugado toma a forma conhecida, reconhecida. Era ele, ele era um velho. O homem ainda não soubera disso, não experimentara a velhice até então. A velhice, dizem, chega assim de pronto, duma vez.

O homem era Freud e essa história ouvi de minha mãe tantas e tantas vezes.

Freud (2009) escreveu sobre o efêmero, fala de uma flor que desabrocha apenas por uma noite. Conta como um jovem poeta se atormenta com este fato. Como a beleza pode ser tão fugaz? Como uma flor, quem sabe a mais bela flor, surge e se perde em uma única noite. O velho pondera; e a mais bela flor, não pode ser mais intensamente bela, justamente por isso? Uma única noite... E, afinal, qual é o tempo de uma noite? Por toda a noite vive aquela flor, apenas uma noite.

A flor, mesmo sendo outra, retorna flor no ano seguinte, retorna para a duração da noite, vive inteiramente o tempo daquela noite e o tempo de sua vida se cola ao de sua morte. O homem velho é outro, sempre outro, perdido daquele do reflexo, desencontrado, para sempre, do jovem que fora. As rugas, surgidas sem aviso, se apresentam como um sussurro da morte. Sim, você tem fim, num dia qualquer, ou mesmo no meio da tarde, acaba. Simplesmente assim, acaba.

O recado vem assim, no reflexo, na imagem de nosso próprio rosto. Não em nossos pais, ou no jornal da noite, não em um filme apocalíptico. Vem diante de nós mesmos, vem quando nos vemos deslocados de nós mesmos, vem quando nos enxergamos outro.

Me pergunto se foi assim com meu avô. Se um dia ele olhou pra sua fotografia e viu-se distante, viu-se indo, desaparecido. Sua mulher diz que ele desapareceu, minha avó. Não está mais ali. Para ela, ele não morreu, sumiu. Não procura por ele, sabe que seu desaparecimento não é uma brincadeira de pique. Ela não o espera mais. Apenas diz: ele desapareceu. A velha mulher que ficou só não pôde olhar pra morte, não quis a morte, nem esta teve a chance de desobedecer a velha matriarca. Ele não morreu. Desapareceu.

O caso é que eu vi sua morte. Estávamos lá, ambas em silêncio, eu e a morte. Não vi quando se aproximou, mas quando recolheu o meu avô, eu estava lá e vi seu corpo abandonado e vi suas meias brancas, o rosto reduzido ao abismo. Foi num relâmpago, mas durou o tempo de poder ver, o tempo do trovão se estendeu e vi, durante muitos dias, a sua morte. Quando ela chegou, o instante mesmo, esse perdi.

Ele foi dormir e acordou um velhinho. É o câncer, esse bicho corrói por dentro, as entranhas. Foi sem entranhas que o vi morto e cinza. Seco por dentro, o meu amor. A pele grudada nos ossinhos do rosto, era totalmente outro e ainda assim eu via meu avô. Como pode? Como pôde?

Passei a noite ao seu lado, ao lado do corpo oco de entranhas e alma. Li para ele, li os versos (deu vontade de chamar de versinhos) que ele me fizera decorar. Declamei bem baixo pra ele.

Será que eu queria encher ele de alguma coisa, soprar pra dentro do corpo as letras que ele me deu a vida toda? O modo dele me educar. Ele dava palavras e dizia que era educação, palavra pode ser tanta coisa. Ele gostava de ver gente aprender a ler e brincar com palavras. O meu pai, não. Meu pai não está aqui, não nesse capítulo. Meu pai não me mostrou vida, nem palavras. Ficou no canto, ficou no canto, abestalhado e quieto. “*Pobre homem, um bom homem, Woizek*”<sup>1</sup>.

É de meu avô que falo, o velho que vi morto. O corpo que me fez companhia na noite em que morreu Moacyr, o corpo que era ele sem sua presença. A ausência de meu avô diante de mim em um corpo corroído, vazio, um rastro de revolta, ele não queria morrer. Parou de respirar às 13:55, isso é o quê? Tem significado? Chama o doutor, se parou de respirar, mas quando para de respirar é porque já foi. Tem mais nada, não. Ele morreu e eu custei pra entender. Fiquei sentada no sofá com o telefone na mão. Desaprendi a levantar. Botar os pés no chão, o ventre pra frente e pra cima, joelhos estendidos. Tudo num movimento só, duma vez. Mas não fiz, fiquei na paralisia de não entender que ele não tinha mais. Finalmente o dia chegou, a agonia de Moacyr se acabou, se levante que seu avô morreu. Finalmente. Mas quando chegou, eu não queria mais, queria ter sido egoísta feito ela, a mulher dele. Queria ter arrastado seu corpo como se houvesse vida ali. A mão na cabeça não seria a mesma, era fria. As suas mãos tinham uma temperatura própria. Isso não mudou com a velhice, não mudou quando a morte se sentou ao seu lado e esperou.

Dois velhos e o fim se fazendo presente. Um câncer, um silêncio acabando com o vivo do corpo, 21 gramas, dizem. 21 gramas é o peso de estar vivo, parece tão pouco. A gente carrega mais a gente morto, que vivo. O morto pesa mais. Mas a doença arrancou muitos quilos, arrancou também o juízo da mulher do morto. Essa se afundou em letrinhas cruzadas, em ausências e apagamentos. Essa não sabe mais de si. A morte sem a elegância da foice e da capa preta, a morte silenciosa. A morte em seu sorriso quando o doutor falou: pode sair da dieta, pode beber cerveja, pode beber cachaça, comer fritura. Ele sorriu, eu também sorri, não

---

<sup>1</sup> Uma referencia ao texto teatral *Woizeck* do autor alemão Georg Büchener. O capitão diz essa frase ao personagem do soldado a quem usava como cobaia em suas experiências. Talvez a frase não seja exatamente essa, ela surge aqui como surgiu em minha memória.

entendi que podia tudo porque não adiantava mais pra nada aquele corpo. Isso aí ta se acabando, faça o que bem entender de sua carcaça, senhor Moacyr. Não entendi assim, só ouvi depois, muito depois daquela noite em que estivemos juntos; seu corpo oco e eu e as palavras.

Quando ele estava prestes a morrer e todos nós sabíamos que havia acabado e que aquele não era mais ele, a dor tomou conta de todo o seu corpo. A dor emudece, a dor do corpo dilacerado por dentro, o rosto se contraria como num grito, ele parecia gritar, mas não havia som. Um grito sem som. O rosto desfigurado e a mulher ao seu lado, vendo tudo e fingindo que ele dizia alguma coisa. Dê morfina a ele, por favor, dê a morfina. Não. A morfina fazia o homem dormir, ela o queria vivo e o sono anestesiado era por demais semelhante ao que seria sua morte. Deixa ele. O homem e o rosto desfigurado pela dor e pela morte. A boca era um buraco enorme no meio do rosto, aberto. Um abismo escuro donde não saía mais voz nenhuma, a voz de meu avô. Ele tinha sede e não engolia mais, tem que passar um pano úmido na boca. Pare com isso, deixe ele sossegar, deixe esse homem morrer. Não tá vendo? Ele já foi, tem só um corpo definhando. Parece que deu cupim.

Segure mais, não. Você vai doer e depois sumir, se esquecer. Deixe meu avô ir se embora. Eu lhe peço, faça, não. Ela não cedia, a morte vagando pela casa toda e ela ligando a TV no jornal Nacional. A morte suga o dentro do rosto. O homem lá de dentro do corpo seco já nem tinha mais voz pra dizer: estou morto.

Eu costumava visitar seu quarto, ficava em silêncio, não muito perto da cama. Mais perto da porta do que da cama.

A morte não lutava por ele, certa de sua vitória, esperava serena. Era como uma bruma leve pela casa. A morte rondava a velha, esperando o corpo dele terminar de secar, o abismo da boca engolir todo o resto, então ela o recolheria calmamente. O câncer não tem pressa. A mulher fingia não ver, o tinha como um boneco, mandava que o arrastassem até a sala de T.V., lhe botava um copo de vinho ao alcance das mãos. As mãos já não tinham alcance. Você não vê? Ele já não está aqui, resta o corpo como buraco negro, grito mudo e opaco.

‘Foi a menina que morreu, não ele. Foi a jovem menina. Era jovem, não era? Era adulta, mulher, mas jovem, sim, jovem. O útero retirado, sempre uma jovem, não se tornaria mãe, nem avó. O tempo. Ela descobriu tanta coisa, num foi? Como desabrochou nesses últimos meses. Escreve agora, finalmente, não é? Finalmente está tomando conta, né? O tempo. A menina desabrochou ao mesmo tempo que morria. Como é o nome daquela flor? Vive um dia só, o crescimento bem colado com a morte, sem engano, sem deixar acreditar que tem intervalo pra gente descansar. Desenganada e ainda com a pele tão firme. Espelho, espelho meu, posso eu olhar nos olhos da menina que morreu?’

Uma dor de cabeça incessante me trouxe até aqui; a emergência de um hospital. Isso me faz lembrar você e o tempo em que era você quem me trazia a esses lugares. Horríveis, hospitais são horríveis e tenho vontade de ser um sapo e mijar no olho de todos que trabalham aqui. Tenho raiva deles por sua causa, no princípio achava graça e depois, a raiva. São estúpidos, os médicos e enfermeiros, andam como burocratas. Eles não sabem nada de você. Nada. Nada de nós. Uma vez, em uma emergência, você quis ir embora. Disse: chega, vamos pra casa. Sim, vamos, todos pra casa, sua casa. Achava graça de nossa arrogância passando por cima daquelas figuras de jaleco branco. Homens malditos, mentirosos, diziam que ia tudo ficar bem.

Ao meu lado, uma moça chora e quer ir embora também. Vontade dizer a ela: vá simhora daqui. Presta isso, não. Para você não prestou, deu em morte. Tira mais um pedaço, eles diziam. Tira mais um órgão que passa, a dor passa, a morte passa, o câncer passa. Passa nada. Vai passar o quê por esse corpo seco, vazio, um saco de doença era seu corpo. Passa nada. E convenciam, convenciam você lhe prometendo vida. Eu no pé de sua cama, olhei nos olhos do cão, o cão de jaleco branco e voz serena. Ele disse, vamos tirar mais um, tirar mais um órgão afetado. O senhor vai com mais um buraco pra fora do corpo, mais um furo botando sangue e urina. Assim, há vida. Que vida? Que vida ali naquele corpo esburacado? Deixe, não, vô! Eu quis gritar. Quis dizer; aceito até lhe perder todo, mas não vire um nadinha na cama, não. Não vire um abismo silencioso e morto que respira. Deixe, não, vô! É o cão se aproximando de você. O homem da ciência com seu brinquedinho. Quer bolinar mais, o homem da ciência, se permanecer vivo mais 23 dias, ele ganha pontos no final. Grande *score*! Ele não sabe o que é ser vivo. Olha pra ele, tem cor de defunto, de corredor de hospital. Mas era persuasivo, o

sujeito. Lhe oferecia mais vida. 23 dias. Ele só não disse que não seria mais você nesses 23 dias. Era seu corpo oco em cima de uma cama.

‘Na cozinha, de madrugada, a menina jogava bolinhas de papel para seu gato. Um gato cinza de olhos amarelos. Já não dormia, a pobrezinha, estava morta. Passava as madrugadas vagando. Jogava bolinhas para seu gato, ele gostava. Uma vez foi um grilo que entrou pelo basculante da cozinha. O inseto saltava que parecia voo. O gato pegou, derrubou sem matar. Crueldade de bichano é assim. A menina sorriu, gostava quando o gato era gato. As patas não livravam o inseto da vida, prolongavam. Desejo de gato sobre seu objeto. Será isso? Quer o corpo semi vivo, não mata, deixa que permaneça entregue, permaneça posse. O corpo já não era grilo, mas propriedade do gato. Escutar. A menina sorria do gato. Não se percebeu de seu corpo se acabando e daquela irônica coincidência.’

Depois lhe carregaram de volta pra casa. Agora chega, vai morrer com a gente. Nem me lembro de onde veio a atitude, o gesto. Carregar seu corpo pra dentro de casa. Chega desse cheiro de gente que não morre, este cheiro daquilo que chamam sobrevida. Chega disso. A morte veio buscar, faz tempo já que espera. A morte dá até prejuízo dentro de casa, se sente como da família, quer almoçar na mesa. Não, na mesa, não. Mande lá pra dentro. Vá comer na área, vá. Mostre um pouco de respeito.

Agora pronto. Carregamos seu corpo ainda vivo, assim chamavam aqueles que não o conheceram: vivo. Mas eu sabia, você não podia mais me segredar e eu sabia. Você já estava morto. Ainda fazia suas vontades. Comprava cerveja e queijo pra você nunca poder comer, deixava tudo na geladeira, esperando que se levantasse. Já era um homem morto e não se levantaria mais. Mas haveria sempre cerveja gelada e queijo gouda.

Quando retiraram, por fim, o corpo. Quando se convenceram que você não estava mais ali naquela figura torta e muda, bebi uma das suas cervejas. O queijo deixei que apodrecesse, de raiva. Ninguém botou fora. Apodreceu e eu acompanhava o apodrecimento, só de raiva. Ficava verde-azulado, como uma floresta miúda. E o fedor tomou toda a geladeira. Ninguém mexe, deixa virar pasta, deixa virar podre. Raiva, eu olhava de raiva.

‘A moça, a menina morta. Contavam por aí a estória da menina morta e o seu gato. A menina passeava pela vila já sem tocar os pés no chão. Usava camisola, a menina morta? Isso não contavam. O gato a seguia, mas ia pelos telhados. A menina morta nunca mais iria pisar na areia, seus pés já não tocavam o chão. O gato era cinza, tão lindo. Calafrio.’



Imagem 1 - Pés; 2012, fotografia, 18 x18 cm; Rio de Janeiro

Vejo as fotografias que restaram. As suas fotografias, todas meio tortas e mau tiradas. Fotografias displicentes durante os almoços. Ela tirava suas fotos, fotos de todos nós. Ninguém sabia muito pra que, mas até hoje ela tira fotos do modo dela. Sempre tortas. É o diário dela, eu acho. Um jeito de colar imagem na memória, a dela está se apagando. Quando começou, eu não sei. Quando souo o alerta. Ninguém sabe, não se pode saber.

Hoje vejo as fotos, procuro o instante em que você morreu. Vejo seu rosto murchando por dentro, suas mãos virando ossos escuros. Não me conformo com a lentidão, a degradação de sua morte. Procuro nas fotos o momento exato. Vejo nos cantos, lá por detrás da imagem pra ver se encontro sua morte, o dia em que ela chegou. Nada, não encontro nada. Em todas você já está morto.

A foto do morto. Barthes escreveu que toda foto é a foto do morto. (Barthes, 2008). A fotografia é de um olho que não existe em nós, olho de máquina. O tempo é perdido. O tempo presente da fotografia é só dela, apenas a máquina esteve lá, no instante. O olho do homem detrás da máquina se cega, é a máquina quem vê. O ponto de vista da lente é outro, não o do fotógrafo. Instante perdido, interditado. Quem tirava suas fotos? Um qualquer apertava o botão. Ela pedia: bata uma foto. Alguém obedecia, batia e você sorria. A morte, esta não se importava, esperava quieta, paciente. Penso que já estava se apegando à gente, se apegando a você. Era assim com você, todos gostavam de tê-lo por perto, era bom, amansava. Havia qualquer coisa de beira do mar. A morte também sentiu esse seu jeito e preguiçou.

Olho as fotos, os retratos de família. O homem, morto, assassinado. Assassinado pela doença, assassinado nesse *frame* da fotografia. Frame que se tornará desbotamento, vai fazer marcas se colocado em uma parede. Manchas de tanto tempo de sol. Uma inscrição do esquecimento. Vai ser assim que me esquecerei de você. Escrevendo uma mancha na parede. Você, imagem, vai virar uma marca em mim. O seu devir corpo vai se desfigurar, virar morto, comida de verme, osso, adubo, companheiro de Brás Cubas, outra coisa qualquer distante de meu avô. Na foto não, no retrato do almoço de domingo era você, meu avô, sorrindo, acuado pela morte e sorrindo, assustadinho, mas sorrindo e morto. Ali você estava totalmente morto.

‘O gato cinza. Olhava a menina que ia pela vila assim meio tonta. A menina andava meio tonta bagunçando os pés. Nessa hora, os dedinhos ainda tocavam o chão. O gato vinha, olhava a menina morta. Olhava olho de gato, de bicho, bicho se apegava. Ele se apegou, ia pelos telhados. Viveria na rua depois da menina. Bicho se apegava, mas não fica. Vai embora, sem nunca botar ninguém no lugar da menina morta.’



A foto é resto ou rastro? Palavras que se assemelham no som e na escrita, se roçam, mas se fazem diferentes. O rastro pode fazer chegar à presa, o resto, não. O resto não leva a nenhum lugar, ele deixa presente o que se perdeu, o resto aponta para a ausência. Aponta para a presença do ausente. O ausente, tratado assim feito o que se é, concreto. Marca de vazio num lugar onde já existiu alguma coisa. Agora, a coisa é nenhuma.

O rastro é um vazio, mas, nele, há movimento ainda. A pegada, por exemplo, é a pata, em negativo, da onça que por ali passou. Imagine uma caçada: o objeto da caçada, deixo a cargo. Seja homem, onça ou um simples pato. O fato é: se deve chegar ao bicho, possuí-lo inteiro para ter concluído o objetivo. Fazer dele, presa. Pois como fazê-lo em meio ao mato? Siga seus rastros. Se você é uma onça, seu olfato lhe levará à presa, se é homem, é seu cão quem lhe guiará. De todo modo, persiga o rastro, pois este lhe conduz ao bicho, inteiro.

O resto, não. O resto não o leva a lugar algum, ele fica ali, existindo na forma de pedaço. Não é inteiro, mas é presente apontando uma ausência: o todo que lhe falta. Este resto que me interessa, este pedaço incompleto, movimento que não leva a um fim, a uma finalidade, e não se fecha de todo. Não recupera ou resgata. Lateja uma ausência, a tua ausência. É isto que busco em tuas fotos, tuas imagens. Agora escrevo assim: teu, tua. Não posso fingir que é seu, este pronome se faz distante. Me dano pra gramática e falo com você sobre **tuas** fotos. Nelas busco o que me resta, nelas procuro olhar em teus olhos. Olhos de morte, olhos que me enxergam mortos.

Tal qual um condenado à morte você estava. Esperava. Olhos assustados, acuados. Dead man walkin<sup>2</sup>. Assim anunciam os homens a serem assassinados pelo estado nos filmes americanos. Você também andava, aparado por enfermeiras, andava pelo corredor da casa. A boca era toda vez meio aberta, dizem que os gambás se defendem assim. Mostram os dentes, quando acuados. Os dentes. Lábios semi abertos, uma mistura de choro e grito. Sem som, somente os dentes à mostra. Você quase já não possuía dentes. Resistia sem forças à ela, à

---

<sup>2</sup> Esta frase é usada no chamado “corredor da morte” dos estados estadunidenses onde há pena de morte, no momento no qual o condenado caminha para sua execução.

morte que se sentava ao seu lado com tanta paciência. Já sentia carinho por você, enquanto assistia sua luta vã e seus poucos dentes tentando se arreganhar, sorria e fazia um carinho em sua cabeça. Paciente, esperava, sabia que não viria indulto algum.

Olho suas fotos, foram o que restaram de você. As fotos e uma velha camisa que roubei de seu armário. Estava lavada e não guardou seu cheiro. Há muito seu cheiro havia lhe deixado. Você também não guardou seu cheiro, fedia a lençol limpo de hospital. Não guardo lembrança de seu cheiro.

As fotos dizem menos de você que sua lápide. A lápide indica: aqui está. De baixo está o corpo. O corpo ainda existe e se movimenta. Não sai do lugar, mas se dirige ao pó, ao adubo, ao osso.

Nas fotos, há o instante mudo e cego. Um ausente que não canso de evocar, eu e seu retrato, dois alucinados pela noite chamando teu nome. E tu, homem morto e frio. O velho que secou e morreu.

‘A menina morreu de uma vez. Morreu menina, como estória da carochinha. Era uma vez uma menina que morreu, a vida passou de banda. A menina viveu de relance, foi quando suspirou que se acabou. Um gesto só e era começo, um traço só e era fim. Espelho, espelho meu....’

Procurava o momento de tua morte nos retratos. Via teu rosto, cavidades abissais dos olhos e a magreza feita a cada dia pela doença. A doença trabalhava entre teus ossos. Foi depois de tua morte que entendi seu rosto, uma superfície de cavidades. *“Abismo sem fundo da face: este o inacessível plano da superfície”* (Kiffer, 2003). Foi assim que li e foi essa frase que me fez te encontrar mais uma vez em minha memória. Você havia se tornado traços de desenhos no bloquinho de minha memória. Bloco de cera<sup>3</sup>. Não é assim? Sombra tornado. Não. Traço. O texto de Ana Kiffer sobre o poeta Antonin Artaud, sobre seus traços de letra e linha que buscam a face (Kiffer, 2003).

---

<sup>3</sup> Menção ao texto de Freud “O bloco mágico”, no qual o autor faz uma analogia entre a memória e um bloco de cera.

Ana conta do horror provocado pelo desenho do poeta. Era um autorretrato. Sabia? Esse horror vejo em sua foto, um velho segurando uma criança. Não era eu, nem eu, o velho, nem eu, o bebê. Nem eu. Não, não era horror, era violência e crueldade. Cruza, traço seco, à palo seco como dizia o outro poeta, o de Pernambuco<sup>4</sup>. Este era mais seu próximo. Ana, ela também, usa a violência, com ela é no traço da letra. Rabo da palavra.

Em Artaud o rosto é uma força vazia, um campo de morte ("le visage humain est une force vide, un champ de mort"), onde os traços dos retratos viriam se inscrever. Espaço de cruzamento entre o branco do papel e os buracos vazios do rosto humano. (KIFFER, 2003)

Era eu quem deveria inscrever os traços de seu campo de morte, seus buracos vazios. Seus filhos também, mas me vesti da incumbência. Ou foi você quem se apresentou a mim e não me deixou escolha. A escolha veio antes, veio quando disse: “farei um autorretrato”, disse sem saber o custo. Escrever sobre autorretrato, escrever em autorretrato. Custa, pois dói, custa, pois demora. A escolha veio quando fui procurar a moça chamada Ana. Ela falava de retratos, corpo e traços. Vigor e violência. Uma professora. Você tinha tanto gosto que eu tivesse uma professora.

Ana Kiffer sobre Artaud, sobre seus retratos, desenha a partir das cavidades do rosto, esta construção: face que não negaria a “arquitetura do rosto”, que se daria a partir de olhos, bocas e nariz. Mas que ainda não estaria no rosto. Rosto limite. Ela mostra como a questão do rosto para Artaud não está relacionada à emoção, ou a uma profundidade oculta. Ao contrário, durante seu texto é reafirmada a ideia de superfície. *Surface*, como em um jogo de palavras, mostra Ana Kiffer.

‘A menina de pés descalços. Não ande de pés descalços, você pode se resfriar. Nua nos pés, o resto do corpo já não se despia. Já não era corpo. Só uma camisola comprida. Já não era quase nada, a bichinha. Quase.’

---

<sup>4</sup> Refiro-me ao poeta João Cabral de Melo Neto.

No teu corpo doente ainda havia tempo, passagem. Mesmo quando a morte esperava, no seu corpo ainda havia movimento, o movimento da degeneração, da morte. Hoje as fotografias me mostram teu olhar assustado, pedindo para interromper o devir. Não há como, mesmo tuas fotografias desbotam e continuam. Mesmo seu corpo continua até o apodrecimento. O que permanece é tua imagem em mim estancada no corpo, tua imagem morta, sempre morta. Vejo as fotos, fotos de tantos rostos além do teu. Às vezes muitos rostos, parentes em volta da mesa. Rostos na fotografia de família, gente morta.

No canto, lá no fundo, olhando pra fora da foto, há um rosto estranhamente familiar. Um olhar vem do fundo da fotografia, um olhar se dirige para fora. Olhar direcionado, direto. Parece se dirigir a mim. Alguém me olha de sua foto, alguém ao seu lado e morto, assim como você. Mas sem susto, não sabe ainda da morte à espreita, sempre. Por toda a vida à espreita.

Olho e tenho uma vertigem, como o velho diante de seu reflexo, esta fotografia me tonteia. Me faz mal. Me causa o mal. O olhar que me vê de dentro da imagem, de dentro do pequeno retângulo de papel. O olhar que me vê da sala da casa de meus avós, casa que virou ruína junto com eles. Que virou terreno baldio depois da morte de meu avô. Depois de sua morte. Desse terreno desabitado, um morto me enxerga. Uma morta.

‘O gato foi quem primeiro sentiu a menina se esvaziar pra poder morrer. O bicho sentiu o cheiro dos órgãos doentes. A menina, tão moça, ia tomar banho de cachoeira, a menina, tão moça, raspava os cabelos. O gato se lançava contra a parede, esganiçava o miado choro de menino. Ela sorria para o gato, seus pés não tocavam o chão e ela nem se percebia.’

A morta me olha, a menina da fotografia me olha sem saber que ela também se acabaria. A doença não era sua companheira, não havia um nome corroendo suas entranhas, assim como acontecia ao velho avô. Era a fotografia que a fazia ver seu fim, seu limite. O fim de todos, não o pó, que nos faz pensar em uma poeira clara e fina. O fim apodrecido em uma madeira apodrecida pela umidade. O que interessa ser o fim igual para todos? (Vai aos aposentos de minha velha

dama, pobre Yorick, diz-lhe que chegará a isso)<sup>5</sup>. Que interessa a morte da rainha ou de todos? São iguais, são nada e não me tocam. O que me afeta é a tua morte, somente a tua. E também aquele olhar surpreendendo-me. A vertigem daquele olhar não era provocado por uma imagem morta no passado, mas pelo encontro daquela imagem comigo. Estou aqui neste momento. Este passado congelado se presentificando no momento atual. Uma atualização do que não existe, criou, em mim, tonteira. Tonteei. Amoleci o pescoço e as pernas diante do olhar fotográfico da menina do retrato. Foi assim, do meio da tontura, que veio o reconhecimento: a menina era eu.

‘O gato se lança contra a parede, arranha a parede. O gato cinza da menina morta não se conforma, ele não pensa assim: acontece...’

Me vi diante de minha própria imagem na fotografia. Neste instante, a imagem parecia congelada, sem devir. Sem passagem, nem travessia. Um instante e era eu. Um retrato não tirado por mim, mas por qualquer um, um anônimo da família. A máquina pela casa e alguém bateu a foto, uma sentença e lá estava meu rosto. Não, não era um autorretrato, a imagem não foi produzida por mim. Mas ainda é cedo para que eu produza minha imagem, não é? Cedo no texto, na escrita. Agora o que surge é o retrato de meu rosto e isso já é o suficiente para estancar o ar na garganta. Não, não é na garganta, traqueia, acho. Eu não sei por onde passa o ar. É minha garganta que sinto secar. Muita sede, tenho mesmo sentido muita sede. O retrato: isto é um retrato. E está fora de mim e ao mesmo tempo é minha imagem, minha imagem e semelhança e ao mesmo tempo me vê, me olha e vê. Possui olhos, posto que é rosto, meu rosto.

Procurava o minuto de tua morte e encontrei meu rosto. Será ele, o rosto, rosto meu, também um morto? Um rosto-espelho impresso na fotografia, algo que é eu fora de mim. Um duplo, outra que me olha e sou eu. Essa outra a quem chamo a mim nessa paisagem morta ao lado do velho que não existe mais. Essa

---

<sup>5</sup> Referência à cena de Hamlet, de W. Shakespeare, na qual o personagem título dialoga com o coveiro e encontra o crânio de Yorick, ex-bufão de sua corte. O príncipe se dirige ao crânio e ironiza sua mãe, a rainha, e cúmplice no assassinato de seu pai.

menina eu que me vê e me causa mal, causa mal estar. Tonteei. Posto que é rosto, posto que é sombra. Sombra nas cavidades do rosto, buracos virados pra dentro de um escuro que não se vê. Não se vê no escuro, não é assim? As sombras ao redor do olho, meus olhos sempre foram fundos. Olheiras profundas desde os doze anos, olhos velhos herdados de um pai. Olhos sérios e fundos, um pai fora, lá do lado de fora. O olhar do morto é o meu. O olhar do morto sou eu.

O filósofo Jean-Luc Nancy, no livro *Le regard du portrait*, escreve também sobre a fotografia como alguma coisa feita para guardar a imagem do ausente. O retrato, é melhor dizer. Um ausente que morreu, ou apenas foi-se. (Nancy, 2000). Você fez comigo, as duas coisas. Segundo ele, o retrato evoca a presença. Diferente da máscara mortuária, o retrato apresenta a morte e não o morto. Eu busquei a morte em seus retratos.

‘A menina perambulava pela casa. A casa ainda com os móveis, mas a menina achava que estava vazia. Caminhava pelos quartos, a cozinha, sala...daquele jeito seu de não tocar os pés no chão. O queixo ligeiramente levantado, como se não estivesse ali. Ela não estava ali. Estava?’

Corri para o espelho, procurava me certificar de que aquele era meu rosto. Não uma lembrança remota, eu não acredito em lembranças remotas, mas meu rosto. Ali estava aquele rosto da fotografia, ele estava no espelho ligeiramente diferente. Na superfície fria o rosto era marcado, mais velho. Mas o rosto do retrato, o rosto meu do retrato era morto. Era momento congelado, instante interrompido e retratado. Rosto que nada se tornaria, rosto morto. E no entanto eu. Eu ali segurando meu rosto morto enquanto estava procurando por você.

Roland Barthes fala da experiência de ver-se como outro, trazida pela fotografia. (Barthes, 1980). Heuatoscopia: ver seu próprio corpo fora de si mesmo, fora de mim mesma. Fora e ainda meu próprio corpo, não sei de meu próprio corpo, não há essa propriedade, não agora, não aqui. Ainda não. Aqui o fora está morto e sou eu. Os nossos olhares se cruzam e sou eu aqui e lá, ejetada, externada de mim. Sou eu fotografia.

A fotografia é sempre do morto, o retrato do morto. “*No fundo, o que encaro na foto que tiram de mim (a intenção segundo a qual eu a olho) é a Morte:*

*a Morte é o eidos dessa foto*” (Barthes, 1980. p.29). É assim, é como Barthes diz se sentir ao ser fotografado, ao se ver fotografado.

Eu procurava o momento de sua morte nas fotografias de família e encontrei a mim. Encontrei aquela menina de olhos cansados e fundos, um olhar sério, seriedade sem sentido. Sem ter porque, seriedade de hábito de se calar. A menina que era eu olhando em direção à lente, agora olha em direção a mim. Eu seguro a fotografia da família nas mãos e lá está me olhando essa menina de olhos cansados que sou eu. Eu mesma. O retrato não foi feito por mim, mas é um retrato de mim mesma e eu me encaro, “no fundo o que encaro é a morte”.

‘A casa vazia de gente. Vazia da presença da menina, mas ela não sabia. Abria as janelas e deixava entrar o ar. É preciso fazer circular o ar. É verão, fim de ano, e é tão agradável o ar da noite em dezembro no Rio de Janeiro. Sempre gostou do verão, tem cheiro de abacaxi, mas nunca se lembrava de comer abacaxi. Deixava as janelas abertas e se esquecia de que era a menina morta.’

A experiência do retrato de mim mesma, de meu rosto com seus dois buracos aos quais chamo de olhos. Aquelas cavidades sinistras de menina velha. “Os olhos nasceram e ficaram dez anos esperando que o resto do corpo nascesse.”<sup>6</sup>. Esses olhos meus virados pra mim criavam uma torção. Uma torção de me ver de fora, embora não pudesse dizer qual era o fora. Aquela da foto ou era a que olhava a foto? A morta? Qual estava fora? Meu corpo fora do tato de minhas mãos, meu corpo no tato de meus olhos. O corpo todo, não, o rosto. O rosto tateado pelos olhos, não podia ser assim. Eu fora de mim. A morta era eu. Essa espécie de estiramento deixando-me cá e lá. Mas o lá era morto e era eu. O retrato é morto, o retrato de si, o meu próprio retrato de mim mesma é morto.

O retrato de si mesmo, de mim mesma, me deixa cara a cara com o fixo instante. Esse cara à cara que não é o do espelho, no espelho não há *delay*. O tempo é colado na gente, “*a ponta do nariz colada à superfície do espelho*” (Barthes, 1978). O cara a cara do retratado provoca uma torção com a qual não quero lidar. Um duplo de mim, fixado no tempo, de um outro de mim, foi retirado

---

<sup>6</sup> Verso do poema *Teresa* de Manuel Bandeira.

o devir e me vejo no fim. Me vejo ponto final, coisa que acaba. A duração e depois acaba. Meus olhos fundos e mortos a olhar pra mim em silêncio e dizendo-me: estás morta. Um sussurro: estás morta.

O retrato de si mesmo traz essa experiência da morte. O retrato que contém a si mesmo, carrega uma pequena morte, a morte do retratado.

Olhar para a fotografia de meu rosto, para um retrato de mim mesma, um autorretrato, me traz mais um constrangimento ao cruzar este olhar que me vê de fora e esse olhar ser o meu e este olhar ser de uma morta. Para produzir meu autorretrato devo saber, a partir de agora, a partir desta escrita, a partir do momento em que traçava a procura por sua morte, a morte de meu avô, um velho a quem nunca pude dizer: pai, devo saber que estarei diante de minha imagem morta. Essa imagem não é um aviso de finitude, trazendo a lembrança da morte e me fazendo pensar a vida. Não se trata de otimismo. É a morte em um momento, a pequena morte de pele seca. Estar diante de meu autorretrato não é estar diante da vida e seu limite último, não se trata de saber que o tempo passa, mas saber e ver a morte a cada instante. A morte que respira e sopra em meu rosto e esfumaça meus olhos. Criar um autorretrato é se lançar a suportar isso. A morte dando passos junto com a vida, entrelaçadas. Criar um autorretrato, ou seja, produzir a si mesmo esse mal estar fatal, é suportar assassinar-se e permanecer vivo.

‘A menina morta olhava os telhados da vila se desenhando através das janelas abertas. O miado triste e cortante do gato. Miado feito veneno nos ouvidos. A menina pensava no rei morto pelos ouvidos, o rei traído e só. Pensava no pobre príncipe triste e sorria. “Como deve ser terrível estar morto a uma hora dessas”